

CORPOS DISSIDENTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA: RESSIGNIFICAR É EDUCAR

DISSIDENT BODDIES IN PHYSICAL EDUCATION: TO RESIGNIFY IS TO
EDUCATE

ARYANNE SÉRGIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

Graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2014)
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – UERN
(2017)

Técnica Administrativa no Departamento de História-UERN
Membro dos grupos de pesquisas: Epistemologia e Ciências Humanas e História do
Nordeste: sociedade e cultura.
aryannequeiroz84@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar os conhecimentos sobre a existência de dois estereótipos de gênero — homem e mulher — no meio sociocultural e educacional, os quais acabam marginalizando as pessoas que se autodeclaram transgêneros, ou seja, aquelas que não se encaixam no modelo binário estabelecido. No ambiente escolar, principalmente nas aulas práticas da disciplina de Educação Física, os corpos são vislumbrados de modo bastante claro e objetivo, tratados de acordo com o padrão de gênero dicotômico feminino/masculino, contribuindo para o preconceito perpetuar-se contra os sujeitos-corpos dissidentes. O isolamento, a exclusão e a evasão escolar de pessoas não binárias acontecem com frequência, posto que a prática educativa desportiva ainda não consegue agregá-las, em razão da discriminação de gênero presente na sociedade que reflete no ambiente educacional e vice-versa. Há um reforço no ambiente educacional por parte dos/as docentes que ministram as aulas práticas desportivas, refletindo a discriminação que ocorre na sociedade em relação aos indivíduos, posto que trata essa divisão homem/mulher como algo dado pela natureza. A “naturalidade” da separação binária ocorre nas atividades da Educação Física, tratando alguns esportes como eminentemente femininos e outros como distintamente masculinos. Com isso, criam-se expectativas aos sujeitos-corpos, querendo moldar aqueles que biologicamente são considerados como homens aos esportes mais agressivos, enquanto que aos biologicamente definidos como mulheres, cabem os esportes mais amenos, menos violentos. Dessa forma, há um controle dos corpos pelo poder disciplinar, docilizando-os, como Michel Foucault bem ressalta. A Educação Física adapta os corpos-cidadãos ao que a sociedade exige, fazendo com que os homens apliquem a sua força para estimular a economia e estimulando as mulheres a serem subservientes e dóceis. Percebe-se também que há uma carência de tratamento igualitário entre pessoas binárias e não binárias e que os/as docentes precisam voltar os seus olhares para os corpos dissidentes, ressignificando-os de modo positivo e abandonando o preconceito. O procedimento metodológico dar-se-á através de pesquisa bibliográfica, tentando abordar os olhares acerca das pessoas que não se moldam aos padrões heteronormativos vigentes dentro da disciplina prática de Educação Física.

Palavras-chave: Educação; Gênero; Corpos Dissidentes; Ressignificação.

ABSTRACT

The present work intends to approach the knowledge about the existence of two gender stereotypes - man and woman - in the sociocultural and educational environment, which end up marginalizing the people who declared themselves transgenders, that is, those that do not fit the established binary model. In the school environment, especially in the practical classes of the discipline of Physical Education, the bodies are glimpsed in a very clear and objective way, treated according to the feminine/masculine dichotomous gender pattern, contributing to the prejudice perpetuate against the subject-bodies dissidents. The isolation, exclusion and school drop-out of non-binary persons occurs frequently, since sports education practice is not yet able to aggregate them, due to the gender discrimination present in society, which reflects in the educational environment and vice versa . There is a reinforcement in the educational environment by teachers who teach sports practices, reflecting the discrimination that occurs in society in relation to individuals, since it treats this man/woman division as something given by nature. The "naturalness" of binary separation occurs in the activities of Physical Education, treating some sports as eminently feminine and others as distinctly masculine. With this, expectations are created for body-subjects, wanting to mold those who are biologically considered as men to the most aggressive sports, while those biologically defined as women, fit the milder, less violent sports. In this way, there is a control of the bodies by the disciplinary power, docking them, as Michel Foucault well emphasizes. The Physical Education adapts citizen bodies to what society requires, making men apply their strength to stimulate the economy and encouraging women to be subservient and docile. It is also perceived that there is a lack of equal treatment between binary and non-binary people and that teachers needs to turn their eyes to dissident bodies, positively re-signify them and abandon prejudice. The methodological procedure will be done through a bibliographical research, trying to approach the looks about the people who do not conform to the heteronormative standards existing within the practical discipline of Physical Education.

Key Words: Education; Genre; Dissident Bodies; Re-signification.

1. INTRODUÇÃO

Na trajetória cultural e educacional dos corpos existe uma clara divisão, separando as pessoas em dois estereótipos, sendo um representando pessoas denominadas de homens e o outro conceituando pessoas como mulheres. O sujeito-corpo dissidente, ou seja, aquele que não se considera pertencente ao grupo que a sociedade estabeleceu para ele se inserir, fica à mercê, não sendo acolhido por nenhum dos dois modelos citados.

Isso acontece também em todo o sistema educacional, não ficando de fora as aulas práticas da disciplina de Educação Física que, desde a sua implantação na grade curricular das escolas, trabalha incisivamente sobre os corpos e reforça a desigualdade entre sujeitos masculinos e femininos. De acordo com Neil Franco (2016, p. 62), as

[...] vivências nas aulas de Educação Física destacam essa área de conhecimento como um dos vetores do preconceito e da discriminação em relação àqueles/as que não construíram seus gêneros e/ou vivem suas sexualidades dentro dos parâmetros hegemonicamente estabelecidos.

O processo de exclusão, portanto, consolida-se historicamente na escola, atribuindo significados aos corpos e separando-os em apenas dois gêneros — masculino e feminino —, não permitindo abertura para que a pessoa que se autodeclara diferente se encaixe. Desse modo, a discriminação é implantada e os sujeitos dissidentes, como por exemplo, as travestis e os/as transexuais, são tratados/as como deficientes nas aulas práticas de Educação Física, não podendo participar plenamente de todas as atividades, sendo muitas vezes isolados/as ou dispensados/as.

2. O DIFERENTE NÃO-INCLUSO

Dos/as transgêneros é cobrada a total adaptação às regras impostas pela Educação para que haja organização e ausência de perturbação, não devendo qualquer sujeito atrapalhar a disciplina e perturbar a ordem. Porém, a simples presença de pessoas dissidentes nas aulas práticas de Educação Física já gera um mal-estar àqueles/as que se encontram perfeitamente ajustados/as às normas binárias de gênero.

Neil Franco acredita que

[...] adequar-se ao grupo masculino ou feminino na prática da disciplina Educação Física é um fator que dificultaria a inserção de pessoas *trans* na escola, em que o desconforto e a rejeição são dimensões que provavelmente serão desencadeadas nas práticas cotidianas dessa disciplina em razão da presença desses sujeitos.¹

Neste viés, é fácil perceber que o sistema educacional dá significados a dois tipos de corpos, não levando em consideração a subjetividade dos sujeitos e sim, ao que biologicamente está destacado, isto é, aos órgãos sexuais masculinos e femininos: pênis e vagina. O corpo que a Biologia considera como o da mulher ou como o do homem deverá se adaptar às atividades físicas que a disciplina desportiva estabelecer como corretas para cada gênero.

¹FRANCO, Neil. **A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros.** Pág. 55.

3. A ‘NATURALIZAÇÃO’ DICOTÔMICA DE GÊNERO

A significação em gênero das pessoas-corpos ocorre socioculturalmente e reflete no sistema educacional, o qual serve também para dar significados ou re-significados ao que acontece no âmbito cultural. É um trabalho em conjunto, que se realiza em um movimento pendular, onde a cultura interfere na Educação e vice-versa, concomitantemente. Assim, dá-se a ideia de que todo esse processo de significação/ressignificação dos gêneros acontece de maneira natural, tornando-se muitas vezes imperceptível essa influência da cultura na Educação e desta na cultura. Como bem ressalta Francis Lima e Nilson Dinis,

A partir dessa separação, considerada “natural” por muitos professores e professoras, são formadas e reforçadas expectativas e modos de comportamento “próprios” de cada gênero. Às meninas cabe jogar caçador, realizar atividades ligadas à dança, entre outros, e, para os meninos, são permitidas atividades esportivas mais “agressivas”, que desenvolvem e/ou liberam sua suposta agressividade [...]² (p.248-249)

Os/as educadores/as das práticas desportivas perpetuam a ideia de que existem atividades naturalmente femininas e outras naturalmente masculinas. Os esportes que se utilizam de força, de esforços físicos deverão ser praticados por pessoas pertencentes ao estereótipo do homem, enquanto que as atividades que demonstram leveza, suavidade, delicadeza de gestos, terão que ser realizadas por pessoas pertencentes ao estereótipo oposto, isto é, ao da mulher.

Neste sentido, o sujeito que nasce biologicamente homem, ou seja, possuindo um pênis, no decorrer de sua vida deverá praticar exercícios voltados para estimular a sua agressividade através da força física. Já aquela pessoa que nasce biologicamente mulher, com uma vagina, é considerada o “sexo frágil”, não precisando submeter-se a exercícios que lhe exijam a aplicação de muita energia.

Percebe-se que tais divisões de práticas educativas

[...] fazem com que os alunos e alunas sejam organizados, assim como os operários e operárias de uma fábrica, dentro de um sistema de normas de comportamento, com a imposição de uma série de tarefas que visam um objetivo maior de docilizar os corpos [...]³

O adestramento dos sujeitos é o mister das disciplinas educacionais e a incumbência da Educação Física não poderia ser diferente. Através dos mecanismos de

²LIMA, Francis Madlener de; DINIS, Nilson Fernandes. **Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física**. Pág. 248-249.

³Idem, pág. 247.

vigilância dos corpos, o poder discursivo produz verdades sobre o que deve e o que não deve ser reproduzido pelos modelos binários de gênero.

4. DOCILIZANDO OS CORPOS

Submeter as pessoas à normatividade é privilégio do poder discursivo, que cria regras nas disciplinas do sistema educativo e faz com que elas permeiem não só dentro das instituições, mas igualmente fora, no meio sociocultural. Dessa forma, o discurso criado acerca dos gêneros homem/mulher transpassa os bancos escolares, domesticando os corpos e dando significados a eles dentro e fora do campo educacional.

Nesta senda, Michel Foucault aduz que

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.⁴

Observando a fala supracitada, subentende-se que os sujeitos-corpos são comandados por um poder disciplinar, o qual os adapta ao seu bel prazer, ora capacitando-os para serem úteis à sociedade econômica, ora sujeitando-os, apaziguando suas forças para serem dóceis.

Fazendo um paralelo com o que fora discutido anteriormente, compreende-se, portanto, que o corpo masculino é estimulado e educado fisicamente a aplicar sua força — atendendo assim à economia de uma sociedade —, e o corpo feminino é docilizado, estimulado a submeter-se aos preceitos de subserviência que a sociedade institui à mulher.

A Educação Física contribui bastante para que as pessoas se organizem perfeitamente no modelo binário e cooperem à uma sociedade controlada e vigiada. Foucault ainda revela que este modelo social vigilante pretende

[...] fabricar corpos ao mesmo tempo dóceis e capazes: controlam as nove ou dez horas de trabalho cotidiano (artesanal ou agrícola); dirigem as paradas, **os exercícios físicos**, a escola de pelotão, as alvoradas, o recolher, as marchas com corneta e apito; **mandam fazer ginástica**[...] ⁵ (grifo nosso).

⁴ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Pág. 164.

⁵ *Idem*, pág. 321.

Há de se perceber que as pessoas tornam-se submissas, exercendo atribuições sem se dar conta de que são manipuladas por esse poder de vigilância. Realizam atividades controladas, não percebendo que estão servindo a um sistema sociocultural usurpador de consciência, estabelecido de maneira sorrateira, o qual dá uma ideia de naturalidade aos preconceitos empreendidos.

5. A RESSIGNIFICAÇÃO DOS CORPOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física, ao se deparar com um corpo dissidente — que se contrapõe a esse sistema supracitado, que tem compreensão de seu papel exigido nas relações sociais e que não pretende segui-lo cegamente —, não facilita a sua passagem nas aulas práticas da disciplina. Ao definir atividades eminentemente masculinas ou femininas, o referido corpo sente-se perdido, procurando algum espaço para ser aceito como é, em sua inteireza subjetiva.

O tratamento educacional do sujeito-corpo como somente um corpo e não como sujeito, dissemina a ideia de ele ser um objeto, de não possuir pensamento crítico e autoavaliativo. Assim, existe a ausência de um tratamento igualitário e de aceitação no ambiente escolar das pessoas diferentes, das pessoas não-binárias, ou seja, dos/as transgêneros. Partindo dessa premissa, há

[...] a necessidade dessa disciplina possibilitar não somente o ensino dos conhecimentos sistematizados da cultura corporal, mas, também, compreender esses conteúdos, as relações estabelecidas no contexto social e suas contradições para, assim, atuar criticamente na sociedade, visando à superação das desigualdades e à transformação da realidade social.⁶

A Educação Física precisa lançar a oportunidade a todos os indivíduos de superar-se, de igualar-se como ser humano, de atuar positivamente no contexto social, não só como um mero membro apto a exercitar-se, mas como alguém que pensa sobre o próprio corpo e sobre os outros corpos, respeitando-os em suas diferenças. Exercitar o pensamento crítico é basilar dentro das práticas desportivas, posto que agir no modo automático não traz contribuições para a disciplina e muito menos para as individualidades.

⁶NICOLINO, Aline da Silva; WANDERLEY, Lara; OLIVEIRA, Valleria Araújo de. **Concepções de corpo, educação e educação física no contexto escolar**. Pág. 443. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/>> Acesso em: 17/04/2017.

Uma das ideias indispensáveis para alcançar a transfiguração da realidade social é ressignificar as visões acerca de gênero, atribuindo novos significados positivos aos corpos — sejam eles binários ou não-binários —, colocando-os em um novo patamar de igualdade, deixando assim o preconceito em último plano. Essa ressignificação também pode se dar através da averiguação dos sujeitos-corpos como possuidores da condição humana, transpassando a discriminação existente entre os estereótipos vigentes e admitindo que a educação transforma realidades. Diante disso,

[...] a Educação Física e o contexto social, possibilita não só a reflexão e problematização acerca da historicidade e manifestação do corpo e da cultura corporal, mas, também, a formação de cidadãos conscientes do seu papel social, que possam agir de forma a concretizar uma sociedade democrática e a emancipação humana.⁷

O corpo-cidadão é transpassado pela normatividade válida e, ao mesmo tempo, é capaz de interferir no meio sociocultural em que se encontra inserido. Ele pertence a uma comunidade que lhe atribui direitos e obrigações sob a regência de um ordenamento jurídico, o qual deverá lhe servir efetivamente de guia e de guarita. Este perfil de cidadania continua em permanente evolução, buscando aperfeiçoar os direitos de igualdade e diminuindo a dominação das instituições educacionais e do Estado sobre os corpos.

Emancipar o ser humano enquanto cidadão é deixar que o seu corpo-sujeito seja ativo socialmente, participando democraticamente, portanto, das atividades educacionais desportivas, não permitindo que seja isolado ou tratado desigualmente entre os seus pares. Sendo corpo-cidadão, o dissidente de gênero também colabora à democracia e pertence a todo o aparato educacional que a sociedade oferece, seja ele desportivo ou não.

No âmbito da Educação Física, qualquer indivíduo é coadjuvante e protagonista, posto que atua de maneira direta e indireta na construção do seu próprio aparato corporal e do meio sociocultural-educacional no qual está imerso. Neste diapasão,

[...] a Educação Física deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro.⁸

⁷Idem.

⁸GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio. **A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo construído na Contemporaneidade.** Pág. 02.

O ser-corpo transgênero difere dos gêneros masculino/feminino, no entanto, ser diferente não quer dizer que é incapaz de construir-se e de interferir positivamente no processo construtivo da Educação, principalmente da Educação Física, a qual age sem rodeios sobre os corpos. Este ser-corpo dissidente necessita igualmente de pertencer, como qualquer outro, ao processo de aprendizado, de adquirir conhecimentos sobre si e sobre o outro.

Vislumbrando o dissidente de gênero, é salutar que este seja introduzido de modo ressignificado nos bancos escolares, principalmente nas aulas práticas da Educação Física, abrindo o leque de possibilidades para que ele apareça de maneira apropriada, sem tratamento desumano ou degradante, valorizando o seu corpo como qualquer outro, sem acometê-lo com estigmas ou descrédito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática desportiva geralmente trata as pessoas transgêneros como seres ambíguos, confusos e obscuros, lidando de forma discriminatória por não apropriar-se do diferente. A Educação Física, voltando o olhar sem rodeios para os corpos, poderá enxergá-los além do binarismo, absorvendo o sujeito-corpo visto *a priori* como dissidente e constituindo-o de novos significados, demonstrando a sua relevância como ser humano-cidadão e como ser pensante.

Merecedor de oportunidades como qualquer outro, o ser transgênero precisa ser identificado, reconhecido e atendido pelo trabalho da Educação Física, atentando assim para o discurso da diversidade tão presente na Contemporaneidade. Se faz, portanto, necessário pensar em múltiplas formas de cuidar daqueles/as que atualmente são tratados/as com menosprezo em razão da sua identidade de gênero.

Empenhando-se em avaliar as diferenças entre o alunado no sentido de dar novos significados otimistas e respeitosos, o/a docente da disciplina prática de Educação Física estará oportunizando uma transformação no sistema educacional e, conseqüentemente, no meio sociocultural, posto que ambos estão interligados. Ressignificar a Educação — dando chances aos indivíduos-corpos dissidentes de exporem suas angústias e temores — é primordial para que alunos/as e professores/as possam ultrapassar os entraves culturais impostos historicamente, expandindo horizontes inovadores e afirmativos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 47-66, maio/2016.

GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo construído na Contemporaneidade. **Revista Pensar a Prática**, v. 10, n.02, 2007.

LIMA, Francis Madlener de; DINIS, Nilson Fernandes. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, pp.243-252, Jan/Jun 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/>> Acesso em: 16 abr. 2017.

NICOLINO, Aline da Silva; WANDERLEY, Lara; OLIVEIRA, Valleria Araújo de. **Concepções de corpo, educação e educação física no contexto escolar**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/>> Acesso em: 17 abr. 2017.